

Rodolpho von Ihering, o pai da piscicultura*

Um dos ícones da história do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), Rodolpho von Ihering, o pai da piscicultura. Graças a seu trabalho científico metucioso, seu espírito de liderança e a uma equipe de colaboradores imbuídos de um sentido de missão, os açudes e outros mananciais nordestinos, além de manterem suas espécies nativas, ganharam espécies adventícias vindas dos rios amazônicos. Rodolpho Von Ihering nasceu no Rio Grande do Sul, em 17 de julho de 1883 e, em São Paulo, fez-se bacharel em Ciências e Letras em 1901. Rodolpho dedicou-se de corpo e alma ao estudo da fauna brasileira e à solução dos problemas da piscicultura.

Percorrendo todo o Brasil, catalogou todas as espécies brasileiras, associando nomes científicos aos nomes populares dados aos animais em cada região. Chegou a aprender o tupi-guarani, objetivando conhecer melhor as raízes etimológicas dos nomes dos animais. Nasceu assim uma obra importante: "Dicionário dos Animais do Brasil", publicada pela Universidade de Brasília (UnB). Dedicou-se, sobretudo, ao estudo dos peixes, criando no Brasil o Serviço de Piscicultura. Fez inúmeras experiências para conseguir a fecundação in vitro, de peixes de água doce, com o objetivo de obter alevinos em grande quantidade para o repovoamento de rios, açudes e barragens. Em 1934, Ihering criou e desenvolveu o processo artificial de reprodução de peixes, conhecido como hipofisação. O resultado é a imensa produção atual de peixes nos açudes administrados pelo DNOCS, uma fonte inestimável de proteínas no semiárido.

Rodolpho casou-se com Isabel de Azevedo Von Ihering e teve duas filhas: Maria e Dora Von Ihering, que escreveu o livro "Ciência e Beleza nos Sertões do Nordeste", a memória da Comis-

* Este artigo foi publicado na revista ConViver, do DNOCS/BNB, em outubro 2009. Número 6, O Século do DNOCS.

são de Piscicultura que percorreu os sertões nordestinos entre 1932 e 1939, obra que a Revista ConViver, nesta edição pelo Centenário do DNOCS, publica fragmentos, como retratos de tempos heroicos.

1. Fragmentos de “Ciência e belezas nos sertões do Nordeste (por *Dora von Ihering*)

Nossos cenários eram os magníficos Estados do Nordeste e Norte, deste país imenso. Rodolpho Von Ihering, meu pai, chefiava uma comissão do governo, nos anos idos de 1932 a 1939. Um grupo heterogêneo, constituído de médicos e cientistas, alguns recém-formados, vindos de São Paulo, Rio de Janeiro e de outros pontos: brasileiros, enfim, cheios de entusiasmo e vibrando ao enfrentar um destino diferente daquele do asfalto das grandes cidades. Muitos cientistas convidados ou que se ofereciam para unir seus conhecimentos aos estudos a que a Comissão Técnica de Piscicultura se propunha realizar. Como estagiários, chegavam personalidades de diversos ramos da biologia, da Europa, de vários países, outros dos Estados Unidos, Canadá e ainda do Japão, de Java, etc., para uma permanência de intercâmbio cultural, que se destinava a pesquisas, mais especificamente, às da piscicultura. Impossível ignorar todo o mundo de riquezas que a terra oferecia na sua plenitude dos três reinos do solo amplamente gratificados, como o são os deste Brasil privilegiado. No mais, compunha o quadro da C.T.P.N.: um desenhista de nomeada – Alfredo Norfini, um jornalista ilustre – Amadeu Amaral Jr. O fotógrafo “especializado” para o documentário mais completo de nossas andanças, quer do ponto de vista da flora, da fauna e dos minérios, ainda tão desconhecidos pela maior parte dos nossos irmãos do Sul, era o próprio Rodolpho Von Ihering. Havia ainda, minha mãe e eu, como secretárias: voluntária uma, honorária outra; cozinheiros, serventes e motoristas.

Todos unidos no afã de coligir, ao máximo, material para a piscicultura e dados, mesmo fora dos estudos biológicos, assim quer da música – (e D. Isabel era exímia profissional, entendendo a fundo o assunto) quer dos tipos, hábitos, topografia, tudo o que formasse um apanhado geral desta terra tão grande, tão rica e bela em todos os aspectos e, também, tão dividida na etnografia, pela sua imensidão.

As primeiras explorações começaram em Pernambuco, Estado que atravessamos de ponta a ponta, conhecendo desde logo a série de regiões bem distintas do Nordeste: o “Tabuleiro”, planalto de pouca elevação, geralmente arenoso, porque ainda é continuação de praias, a vegetação é rasteira com poucos arbustos, entre eles a mangabeira, de frutos saborosos, servindo para doces, compotas, xaropes e vinhos. Não os conhecendo chupamos uns ainda verdes e o travo, nos deixou de boca presa.

Depois entramos pela “Caatinga” (“caa” – mato, “tinga” – claro, ralo), região composta de pequenas árvores que se despem de suas poucas folhas durante as prolongadas secas e que comumente é rica de espinheiros, cactáceas, bromélias. Passamos do “Cariri”, variedade de caatinga, com vegetação também rala, menos áspera, porém igualmente triste. Como são desertas essas plagas! Rodando de carro, durante dois ou três dias, não víamos viva alma. A monotonia era apenas quebrada por belas aves: papagaios, azulões, periquitos em bandos, gaviões de porte altaneiro e um sem número de pássaros coloridos; muitos “calangos” (lagartos verde-azulado) inofensivos, assim como outros animais que resistem a tudo nesses semi desertos.

Íamos do “Agreste”, campo silvestre, rústico, entre a mata e a caatinga, de solo pedregoso, ao “agreste-acaatingado”, mais seco e arenosos, árido também e de vegetação escassa. Seguimos pela região do “Carrasco”, espécie de mata anã; raras as plantas mais altas e quase nenhum verde, como sempre; os ramos duros, esguios estorricados. O terreno muito pobre e hostil, cheio de pedras, a vegetação mais aberta, enfezada, áspera e espinhenta, pior do que a da caatinga. Essas paisagens têm as tonalidades do amarelo e do cinza claro ao escuro. Chamam de “Zona Nordestina” a todo esse conjunto de solo improdutivo, assolado pelo clima escaldante, que mais tarde verificaríamos ser o complexo de todo esse vasto território. Abismados por toda essa pobreza de terra, chegamos ao “Seridó”, zona de calor ainda mais ardente, de campos estéreis, que é a transição entre a caatinga e o cariri, e se presta apenas, mas grandemente, ao plantio do algodão do mesmo nome, considerado como o melhor, pela fibra mais longa e forte. Rodávamos sempre, com paradas nos pontos onde por milagre ainda houvesse alguma água. E seguiam-se os dias e os meses em jornadas estafantes que procurávamos amenizar como o bom humor e chegávamos mesmo a nos divertir com as novidades, os embaraços imprevistos, com tudo tão variado e desigual nesses cenários completamente diferentes para a gente do Sul ou para os de plagas estrangeiras.

De Recife, fomos visitar Olinda, encantadora terra da donataria de Duarte Coelho, que fundou essa cidade e a Vila de Igarazu, onde há uma das mais antigas construções do Brasil, o Convento e Igreja de Santo Antônio, singelos e graciosos na arquitetura colonial, datando de 1535. Estivemos no município de Paulista, conhecido pela grande indústria têxtil, fábricas que em São Paulo e Rio têm as famosas Casas Pernambucanas e seguimos por um sem número de pequenos povoados. Chegamos e nos detivemos em Garanhuns, construída num maciço que alcança mais de 1.000m de altura e onde são frequentes as temperaturas de 22°C. O povo ali é mais forte e corado e queixa-se do frio. Toda essa área, situada a Este da escarpa da Borborema, usufrui de pluviosidade abundante. As feiras dessa região têm fartura de legumes, tubérculos, frutos, boa carne de gado e lindas flores. Só nessas paragens, gozamos das delícias do clima fresco; as chuvas e a umidade são mais constantes.

Rumando para o Norte alcançamos Caruaru, boa cidade também de temperatura amena. Enquanto os homens trabalhavam nos seus estudos, a Sra. e filha do Chefe, viveram experiências diferentes: na bonita Matriz, havendo um harmônio, decididas, alegraram as missas e o Terço, uma no teclado e a outra cantando cânticos da Igreja, mais conhecidos de todos! E tendo o nosso artista Norfini e se oferecido para pintar um grande painel no adro, ambas pousaram como N. Senhora e Maria Madalena... “Mestre Vitalino”; o famoso escultor no barro, nos foi apresentado e, por uns dias, fez parte do grupo C.T.P.N. Em Pesqueira, encantaram-nos os vastos campos de tomateiros com os rubros frutos, enormes “pomodoros” – temos uma fotografia com um, pesando quase um quilo – das fábricas de massa de tomate mais famosas na época: a “Peixe” e a “Rosa”. Esticando as viagens, Triunfo e Parnamirim estavam no caminho, depois Serra Talhada, S. José do Belmonte, Exu e Araripina, já no fim do Estado. O calor terrível nos fazia suar “em bicas”; o sol inclemente esquentava até a pouca brisa – o “Bochorno”, que nos parecia vir do inferno.

Acampava-se às margens dos rios maiores de Pernambuco, como o Capiberibe, Pajeú, Moxotó e dos riachos Brígida, Jacaré, das Graças, assim como em vários açudes. Qualquer regato que ainda levasse água correndo, detinha a C.T. P.N. para a colheita de material para estudos.

Continuando, foi a vez da Paraíba, “pequenina, mulé macho, sim sinhô”, como diz a cantiga, afirmando o heroísmo de um povo sofrido e valente. Nela, em Campina Grande – ex-Vila Nova da Rainha, na Micro-região da Borborema, permanecemos bom tempo – e ali foi instalado o 1º Posto da Piscicultura, à Rua dos Paus Grandes, 62, próximo do açude Bodocongó. O chefe alugou várias casas – uma simplesinha e pequena, residência dos três Von Ihering; outra para os companheiros de ciência, que logo a batizaram de “Pensão Dá prá-Todos”, achando-a enorme, agasalhando também os serviços e sendo ali feitas as nossas refeições. Outra menor para o casal e filho, Sillman Wright e a 4ª, muito espaçosa, a calhar para os laboratórios, com o luxo de uma – sala Biblioteca e secretaria, além de bom lugar para o almoxarifado.

Campina Grande é a maior cidade do Estado. Fica no Planalto da Borborema com um clima bem agradável; conta com rede de água e esgoto, luz elétrica, várias indústrias, bom comércio. Os açudes Velho e Bodocongó nas cercanias são de grande valor para a população. A matriz e a praça, naturalmente muito frequentadas e dois cinemas. Filiais de bancos da capital, boas escolas e hospital geral, bem aparelhado. Tínhamos, enfim, um meio mais culto na “society” campinense.

Desse centro, partíamos nos três Chevrolet, novinhos, mas tão minúsculos, dos anos 1930, os “Fords Bigode” que hoje, nem sabemos como cabíamos neles e com mais dois caminhões retalhados, em incursões contínuas, o mapa do Estado. Por vezes, íamos a João Pessoa, a pequena e formosa Capital, arborizada com rútilos e vermelhos flamboians, para o reabastecimento de víveres. As lindas praias ainda selvagens, de graça e beleza especiais nos encantavam: em Tambaú,

tão clara e pontilhada por dezenas de coqueiros, demos estupendos mergulhos e braçadas e Dr. Rodolpho providenciou um passeio coletivo nas frágeis jangadas; a sensação de todos era a de estarmos andando sobre as ondas. Que nos deu uma “paúra” ah, isso deu! Baía da Traição, Cabo Branco – o ponto mais oriental do Brasil; Cabedelo com o Porto do Estado, também, têm praias magníficas. Voltávamos sempre por caminhos e lugarejos diferentes, esmiuçando tudo.

Rumo ao Sertão, estivemos em Patos, sendo hospedado o nosso “Estado Maior” na ampla casa rústica dos missionários anglicanos. Com suas esposas, finíssimas, faziam questão de toilette para o jantar... (Nessas alturas, era só trocarmos de camisa ou blusa e ajeitarmos os cabelos após o banho de “chuveiro-de-latras”!). Pombal e Souza, duas cidades banhadas pelo Rio Piranhas, que de largo e cheio, nas secas, “cortado” fica reduzido a um fio d’água.

Os comandos do cangaceiro Lampião cometeram várias estripulias também na Paraíba, chegando nessas bandas de sertão paraibano e tomar a cidade de Souza, que é das melhores do Estado, onde saquearam o comércio e praticaram horríveis maldades, cujas provas e os relatos nos arrepiaram.

Pilões, é hoje a cidade – Antenor Navarro, em homenagem ao 1º interventor Federal da Paraíba, após a Revolução de 1930, morto no acidente do avião “Savoya Marquetti”, em que viajava também o ilustre Ministro José Américo de Almeida, em 1932. Com eles jantáramos juntos na véspera, em Recife; o corpo de Antenor veio da Bahia, onde se deu o desastre, e ficou exposto na Catedral: o enterro foi em João Pessoa, acompanhado por inúmeros paraibanos que lhe devotavam admiração e confiança.

Os açudes de Corema e Piranhas sempre nos atraíam e dali partimos para Piacó, histórica: em 1926, uma das tropas da Coluna Prestes, sob o comando de Oswaldo Cordeiro de Faria, travou encarniçado combate os com Jagunços do chefe político local, Padre Aristides Ferreira – derrotados. Batendo estradas, estivemos em Cajazeiras e Princesa, também famosas por fatos bélicos. Nessa última, fomos hóspedes de honra de um amabilíssimo coronel, fazendeiro, Casa-Grande típica com alpendre à volta, mas sem o mínimo vislumbre de conforto e de higiene. (Aliás, isso era comum nesses ermos incultos e distantes, encastoados em zonas tão áridas e pobres). Numa sala imensa, havia 22 pares de ganchos pra redes; nela se instalou o grupo de cientistas e médicos.

Um quarto foi cedido ao Dr. Von Ihering e Sra., outro aos três Stillman Wright. A filha do Chefe coube a “saleta de orações”. Cubículo de 3m x 3m, com oratório, bela peça entalhada e dourada, com ricas imagens antigas, um genuflexório, dois tocheiros – sem vela, e onde puseram uma caminha exígua. O teto todo em madeira pintada a óleo, com figuras sacras. Nada de janela, nem mesmo uma pequena ogiva, como verdadeira alcova medieval. E a pobre moça, penou a noite inteira, sufocada e sem luz; deram-lhe apenas um “fifó” (lâmparina). De lanterna em punho, com a bota procurava massacrar o ataque de milhares de pulgas. Dessas, todos se queixaram amargamente!

Raríssimamente vimos água encanada, corrente; o banho em geral é de “cuia em bacias” nos quartos atijolados, ou então nos açudes em frente à casa e nunca nesses sertões se ouviu falar em aparelhos sanitários! O problema era mesmo sério. Quem precisasse, ia se embrenhar no mato e tinha que ir longe, sempre com alguém de guarda. Tínhamos mesmo um fôlego para aguentar de tudo, mas era alegre e divertido o que esse punhado de gente fina, enfrentava todas as peripécias. E todos esses cafundós, são deveras bravos.

Moto contínuo, percorríamos as estradas de belos traçados das “Obras Contra as Secas”. Ótimas, em chão batido, firme, feito de macadame (de Mr. Muc Adams), cortando as paisagens agrestes, ornamentadas de xique-xiques, palmas-santas ou Bourbank (nome que ficou do botânico que descobriu um enxerto, tornando-as mais ricas d’água), mandacarus, cardeiros, palmatórias, “qui-pá” espécie de cacto rasteiro. Muitas dessas plantas Cactáceas deserto nordestino. Embrenhávam-nos pela “Caatinga” a dentro observando o verdadeiro emaranhado de arbustos secos que a poucos metros encobria qualquer vulto, homem, seriemas, porcos-do-mato, capivaras, mão-pelada e outros animais de porte. É ali um estupendo esconderijo do cangaço. Os tangerinos tocando seu gado têm a manada garantida por cincerros, que badalando, dão o aviso de gente de paz. É lindíssimo de se ouvir, porém tão emocionante o “aboio”, canto nostálgico, plangente com o qual guiam as boiadas, num prolongado: ÊÊÊ ÔÔÔ que soa longe pelo eco num tristíssimo desabafo da alma solitária.

E prosseguíamos destemidos, alegres, pelas paragens formosíssimas expandidas em chapadões ondulantes, ou pelas planícies áridas dos “Tabuleiros”, extensos planaltos, de pouca elevação, geralmente arenosos e de vegetação rasteira, onde campeia a sociedade rude dos intrépidos vaqueiros. É digna de nota essa classe de homens audaciosos, de uma coragem indômita, que a cavalo se arroja pelo cariri, caatinga, Seridó, à procura do gado perdido. Nós mesmos tivemos a oportunidade de expor nossa valentia e verificar o perigo – de frente: ao Dr. Rodolpho e mais uns quatro de nós, emprestaram uns animais que, acostumados aos donos e às suas cavalgadas doidas, desbestaram-se meio pelo do mato seco. Nem sabemos como voltamos inteiros, embora feridos por sérios arranhões e atordoados após havermos nos safado de cabeçadas em troncos e desviando na carreira louca, de ramaria seca e espinhuda. Foi uma terrível façanha!

Thomas Mann escreveu: “A beleza pode nos assaltar como uma dor!”, significando que ela podia tocar cordas tão íntimas do nosso ser a ponto de silenciar completamente outros sentimentos. Ao acontecer isto, sem qualquer aviso, é como se de repente renascêssemos! A um choque suave, somos uma nova pessoa, mais capaz de enfrentar as tarefas desagradáveis do momento!

Sempre isso nos acontecia nessa vida onde o desconforto e o cansaço nos atormentavam, ou nas situações desastrosas, nos imprevistos indesejáveis assim era no encontrar um cacto em flor, como a joia nascendo da pedra bruta, um “calango”, lagarto multicolor sulcando o areal ressequi-

do, um gavião-real e carcarás sobrevoando o espinheiro; ovinhos coloridos aconchegados num ninho sob a maternal proteção; os seixos rolados fulgurantes e lisos no leito de um riacho seco onde os calangos faziam sua festa. Quantas vezes meu pai se atrevia, destemido, a acordar a uns e a outros, às quatro horas da madrugada, para que apreciássemos a aurora radiosa e deslumbrante, quando toda a natureza despertava, dando-nos um presente indizível. Havia também o crepúsculo daquelas plagas, que nos punha silenciosos pela paz, a quietude quase piedosa de um dia que se recolhe após a luta pela sobrevivência de cada ser criado por um Deus Sábio, misericordioso e bom. Na beatitude em que se ficava ante o cenário magistral, nos alegravam bandos de procelárias em linha formando o clássico “V” certo, preciso, rumo aos seus ninhos. E cada um, na capelinha que trazemos escondida em nossos corações, murmurava sua prece de gratidão, escolhendo o manto infinito de que se cobre a noite, a sua estrela preferida, dando-lhe um nome querido.

De quando em vez ouvia-se uma viola plangente ou um desafio à moda nordestina; festejos típicos, paisagens diversas, povo diferente, amigo e hospitaleiro. Por vezes acampávamos à margem dos açudes ou de algum rio perene, sombreados por carnaubais extensos, de enormes folhas arredondadas. Belas palmeiras, fortuna do sertão pelo aproveitamento integral, a começar pela cera, tão útil e conhecida. Tudo era aceito e encarado com espírito esportivo, altruístico e felizmente entremeado com as distrações do nosso folclore vivo e rico; assim aos encontros com os vaqueiros destemidos e elegantes, envergando suas vestes características e tradicionais de couro bem curtido; assistimos as famosas “vaquejadas”, espetáculo inédito para o sulista, mas que dá uma ideia da coragem de verdadeira tourada.

Conhecemos os cantos e as danças do ritual do “Bumba-meu-Boi”; traçávamos nas célebres Feiras Nordestinas, onde aparece o tudo que o sertanejo consegue e de que se vale para sua alimentação; a variedade em palha tecida, cerâmica prática e artística, e revelando a força de vontade e a alma ingênua e pura do sofrido povo nordestino. Há cidadezinhas, vilas inteiras, cujos moradores vivem exclusivamente do artesanato da palha, no qual são verdadeiros artistas; chapéus, esteiras, abanos, cestos lindos e tantas outras invenções úteis que tecem fora de casa, na extensão da rua, em alegres conversas com os vizinhos. Assim são também as rendeiras de mãos de fadas na sua arte de labirintos (crivo) e rendas famosas do Nordeste. Sentam-se nas soleiras das portas e, cantando ou na prosa com as colegas, vão entrelaçando os bilros sonoros, a cada instante a estalar numa velocidade incrível, quase numa música de percussão ritmada, e vão compondo desenhos artísticos, copiados ou inventados. Adquiríamos várias peças muito finas e até com os dizeres |”Eu te amo”, “Feliz amor”, “Felicidade eterna”; talvez a ideia fosse para enxovais de noivas. Muito úteis lhes são os compridos espinhos de mandacaru que vão espetando na almofada, fincados na sequencia dos trabalhos, substituindo os alfinetes.

Nessas terras, onde os coqueiros e palmeiras imperam, mais graciosas são as cenas pitorescas do mulherio em atividade. Cada casebre tem suas latinhas de plantas de estimação. Mesmo onde não há água elas ganham nem que seja um dedo de caneco da dona! Nas praias a poesia é ainda maior, a inspirar essas obreiras no seu afã primoroso. E vão as toalhas, camisolas com palas, uma variedade imensa de rendas, para essas feiras. Os preços tão baixos não condizem, com o esmero do trabalho e o tempo gasto.

A comissão, acampada certa vez às margens do caudaloso e poético Rio São Francisco, em Jatobá de Tacaratu-PE, ia se instalar dessa vez em caráter permanente, numa enorme casa de dois andares, que fora antes um Posto do Governo, perto do cais, na margem do rio. Nesse ambiente, agora, para nós, majestoso, procedeu-se uma limpeza em regra, nas teias de aranha, enxotando as “bríbas” (lagartixas), calangos e ratos que ali fizeram seu “habitat”. Depois da varrida, houve a lavagem com vassouras novas e abundância de água, da qual tomaram parte vários médicos moços, e os tijolos retomaram à sua cor primitiva. Tudo cheirava a limpeza. Num amplo quarto no andar superior, na quantidade de gancho nas paredes, as redes de cores berrantes foram estendidas e formavam o dormitório dos doutores.

Dr. Stillman, Doris e Timmy ganharam o seu recanto privado. O Chefe e Senhora tiveram sua privacidade em bom aposento e a filha exultou com o quarto menor, tendo a janela aberta para a paisagem dos barrancos e das límpidas águas do “Chico”. O andar térreo foi todo destinado ao laboratório, sala do contador, quarto de Norfini, almoxarifado e a vasta sala de jantar e de visitas. As mãos femininas logo improvisaram cortinas, vasos de barro decorativos com mandacaru, palmeirinhas e cordão-de-frade. O artista, em pouco tempo, pintou uns lindos quadros: as “Cabrochas do Sertão”, série estupenda, umas com vaqueiros na paquera, outras dançando, ou fazendo renda de bilro, ou com mantilha de ir à igreja, ou à beira d’água molhando os pés. Um encanto de pequenas aquarelas, sendo que uma retratou a filha do Chefe de “culote”, chapéu de palha e tocando gaita.

Ante o palacete, no chão seco coberto por capim rasteiro, a fileira de carros dava certa imponência: o carro-laboratório, grande caminhão fechado que fora o Quartel General ambulante do General Klingelhofer, na revolução de 1930, em São Paulo, adaptado para esse fim, com mesa, cadeira estofada, geladeira a gás – assombro dos sertanejos – armário equipado com material cirúrgico, que tanto servia para os ensaios científicos, como na ajuda a dezenas, centenas de pobres flagelados, parturientes e apiedados. Os nossos carros de transporte, o carro-aquário para a condução dos peixes e os caminhões de bagagens.

Nas águas, atracava a frota de três barcos a motor: o Pirá, o Surubim e o Mandi. Nunca a “C.T.P.N.” se viu em tal luxo. Ali nesse esplendido ambiente, campo farto de material para trabalho, os cientistas iriam passar muitos meses, bem longe de Recife, da civilização. De luxo e o ponto cômico

era o “WC” da mansão. Isolado a 20 metros de distância, nunca viríamos nada igual ou parecido. Nos sertões não existe nem a chamada “casinha”, talvez o Chefe desse antigo posto tenha explicado ao pedreiro como proceder para uma fossa num quarto privado. Talvez, também, tenha se ausentado durante a construção e o mestre de obras se esmerado ao construir um verdadeiro trono pomposo. Bem no meio dessa ampla sala de banho, cujo chuveiro era abastecido por “latras” d’água, pelo telhado, quatro degraus altos, rodeavam a cisterna elevada com um arremedo de cano de esgoto saindo para o mato. As cobras é que se encantaram com esse reduto fresco, sossegado e ali aninhavam. Jacinta de Jatobá, nossa “cunzineira” e “Bonne a tout faire” – “pau pra toda obra”, quem primeiro deu o alarme, saindo espavorida aos gritos. Então... Só armados poder-se-ia ir!

Tudo nos parecia um paraíso pela beleza e grandiosidade do cenário, pela paz reinante, certa fartura na alimentação devido a um sitiante das redondezas que instalara um encanamento – cano de apenas uma polegada de grossura, bombeando água do rio e tinha fartura de tudo o que o solo fértil, bem irrigado produzia: legumes, tubérculos, verduras fresquinhas e também frutos de várias qualidades: mangas enormes e deliciosas, sapotis, goiabas, seriguelas, bananas, laranjas. Era onde íamos nos abastecer. Porém nessas paragens foi a primeira vez em que todos tivemos a noção do perigo: Dr. Rodolpho reuniu a Comissão, pedindo que se precatassem, se armassem, pois o aviso era que Lampião rondava por perto e com seus homens se arranchara à jusante do rio – a dois quilômetros de nós.

Chegando-se à filha, com uma terna sutileza, foi dizendo-lhe do perigo e pediu-lhe: - “Não saia mais as cavalo, nem a passeio nem para ir buscar as hortaliças e frutos. Fique sempre perto de sua Mãe. Como vai sua pontaria? Agora é hora de andar com o revólver na cintura. Por uns dias, abstenha-se do banho de rio. Com sua mãe, Doris e Timmy, permaneça dentro de casa.” Meu pai estava realmente preocupado e a situação parecia bastante séria. A ordem foi cumprida até que feio uma força armada sob o comando do tenente Mané Netto. Esse era um dos mais rancorosos perseguidores do cangaceiro que lhe fizera onde mortes na família. Inimigo ferrenho, andava nas pegadas de Virgulino e tinha também o seu bando de rastejadores, que por sua vez confiavam nos seus informantes.

A cidade estava morta, ninguém saía de casa. Raro era o vulto se esgueirando até o armazém ou em busca de água. Todo mundo temia um tiroteio entre as duas forças igualmente ferozes. O tempo parecia não passar. O silêncio aguçava ainda mais a preocupação que se via em todos os rostos. Não podíamos fazer planos. Que planos?! O Chefe se sentia responsável tanto pelos estrangeiros como pelos rapazes e por nós mulheres. A comida esfriava nos pratos e as conversas eram entrecortadas ou em frases lacônicas. E nós rezávamos! Um alívio imenso nos veio nas notícias de que o famigerado bandoleiro havia atravessado o rio e estava agora na margem oposta, de tocaia à espera do Tenente.

Na madrugada seguinte, às quatro horas e pouco, assistimos à partida do pelotão, cujos soldados do Governo iam todos vestidos idênticos aos cangaceiros: sandálias, chapéus de couro e roupa comum com as cartucheiras cruzadas no peito. Para confundir. Pediram que a filha do Chefe fosse sua madrinha. E, aos primeiros raios da alvorada, foi a despedida silenciosa. Mansamente as canoas iam se distanciando. Todos nos quedamos postados na escadaria do cais, ainda tensos, sem saber que rumo tomariam as coisas.

Soubemos depois que não houve choque entre as duas forças. Lampião temia os “macacos”, se não fugira, também não quisera enfrenta-los. Os boatos corriam que entrar no Piauí. Então retornamos aos nossos afazeres dando Graças a Deus!

Todas as populações ribeirinhas gostam e aproveitam o banho de rio. O “Chico”, como é carinhosamente chamado, vem de lá da Serra da Canastra – MG, serpenteando, descendo de grande altura suas águas límpidas, mas fortes, possantes, formando suas cachoeiras, que se espalham no percurso. Em Jatobá passa entre barrancas, sem praias e numa largura de quilômetros, oferecendo um fabuloso caudal de água e a população ribeirinha sabe como aproveitá-lo. Em horas do dia em que o calor é sufocante, reunia-se em grande pândega, sendo que as mulheres tinham recôncavos particulares e ali totalmente despidas, davam seus mergulhos, nadavam e lavavam roupas. Tinham nos avisado disso: só as senhoras podem se aproximar desse local, e ouvindo a algazarra chegamos perto do barranco, estando a uns oito metros de altura. Encabuladas se encolheram, mas fomos conversando e veio-nos o amável convite de nos unirmos a elas, o que fizemos indo vestir os maiôs, que estranharam. Nós três muito claras, éramos alvo de comentários e algumas até se atreviam a tocar em nossa pele e ver a diferença...

Jatobá de Tacaratu, mísero povoado, já teve seus dias grandiosos, recebendo a visita de D. Pedro II que ali fez construir grande paredão e espécie decais, entusiasmado pela possibilidade de navegação fluvial, que ainda hoje se faz de Petrolina – BA a Penedo – AL e Propriá – SE. Desse muro de 17 metros de altura, num arremedo dos mergulhadores de Acapulco, a rapaziada mergulhava de cabeça, “por um cruzado”, ante os visitantes. Um grupo da Comissão, doido por um bom banho após a viagem no calarão, atirou-se à água e por pouco não houve uma tragédia, pois não contavam com a força brutal da correnteza; já uns iam sumindo e reaparecendo. Foram os peritos nadadores e pescadores com suas canoas à espera dos incautos, rio abaixo, que os tiraram desse apuro.

Pouco adiante despencava vigorosa a Cachoeira de Itaparica. Fixados nessa margem ante a largura imensa do rio, fazia-se excursões pelos arredores e chegamos até à fabulosa Paulo Afonso, extasiados ante a magnificência, a imponência e grandeza dessa possante catarata. Nunca mais se apagará dos nossos olhos de excursionistas deslumbrados a miragem do belo espetáculo selvagem, majestoso, reunindo três altíssimas quedas d’água: “Véu de Noiva, Prin-

cesa e Angico”, na divisa dos Estados da Bahia, Alagoas e Pernambuco. Só quem conheceu a cachoeira de Paulo Afonso daqueles tempos, ainda selvagem, bravia, poderá fazer uma ideia da beleza e força ciclópica.

O rio São Francisco, naquelas paragens, tem alguma coisa de trágico na sua impressionante majestade. É um belo horrível, que deslumbra e apavora. O rio cavou nas pedras um abismo profundo onde as águas se precipitam e torrentes e vapores em névoa. É um dilúvio canalizado do rio imenso que espadana em borbotões de espuma alva, roncando fortemente numa confusão tremenda, na ânsia de liberdade e de medir suas forças com o mar longínquo. Ninguém pode calcular a sua impetuosidade. É preciso ter coragem de suportar nos ouvidos aquela fúria rugidora que se propaga a cinco léguas de distância. Nunca nos fora dado experimentar maior sensação do que quando descemos por uma longa e estreita escada em espiral, pela “Angiquinho”, admirando a fantástica Paulo Afonso, coroada de sol e sob o esplendor de um arco-íris. Um mistério inexplicável é que quase junto à queda há uma serenidade inacreditável; faz-se um remanso, num fenômeno a nos intrigar, aquele lago calmo que só Deus sabe o que lhe vai por baixo, nas profundezas.

Ali perto estava a cidadezinha de Pedra, hoje “Delmiro Golveia”, em homenagem ao homem de visão extraordinária que criara dentro da brenha sanfranciscana o que sonhara transformar em flórida Canaã Sertaneja de paz e trabalho e conseguira fazer surgir uma civilização. Nela, esse cearense de alta capacidade e inteligência, de astúcia incrível, condensou a visão de realizações monumentais, num milagre de gênio, mostrando aos brasileiros o que no futuro seria uma das mais possantes usinas hidrelétricas de nosso país. Contrariando a opinião de engenheiros, resolvia tudo em golpes de intuição espantosa. E poucos meses mais tarde, uma bomba possantíssima despejava na cidade dezenas de litros d’água por segundo. Montou enorme fábrica de linha, deu água, luz e esgotos, os elementos primordiais da higiene, e, entre outros melhoramentos, criou grande curtume, fábrica de gelo para o matadouro enorme, corpo de bombeiros, extensa vila operária, dando em tudo o que fazia um tino e perspicácia, seu grande exemplo de tenacidade e valor às possibilidades.

Depois de captada a força hidráulica para a energia, iniciou a instalação de turbinas elétricas e o progresso veio vindo. Alguns anos mais tarde esse grande homem, esse crânio invulgar, era covardemente assassinado. Sua visão incrível foi um caminho para o que é hoje a fantástica “Usina Hidrelétrica do São Francisco”. Nós, patriotas, reverenciamos a memória desse benemérito que consagrou toda sua existência em proveito da população sertaneja, realizando, com toda a pujança da sua força de vontade, a maior obra de que se pode orgulhar um homem só, no interior do país. A violência das águas foi domesticada, domada em benefício do progresso e do bem estar do povo de vários Estados do Nordeste. Reconhecemos esse bendito valor, mas na nossa lembrança do maravilhosos panorama, guardamos a imagem rude e poética da selvagem e magnífica Cachoeira de Paulo Afonso dos anos 1930.

Um dia, em busca de material, uma parte do grupo foi rio a fora, até Penedo – AL. Só voltamos de madrugada. Maravilha de céu da alvorada à margem do largo e formoso rio! Bandos de garças em branca revoada, uma algazarra “medonha” de araras, papagaios e periquitos em esvoaçante arco-íris; infinidade de pássaros acordando o dia em deslumbrante festa. Meu pai, com seu chapéu de palha, botas e sempre a máquina fotográfica a tira colo, era uma figura imponente. Alto, alourado, de olhos muito azuis, afável para com todos, irradiando seu extraordinário “sense of humor” e principalmente interessado em tudo que pudesse contribuir para o progresso da ciência em geral, além da piscicultura – fosse ave, inseto, réptil, árvore ou flor.

Nesse alvorecer, lembro-me bem, levava um cajado com o qual ia ritmando os passos rumo à ribanceira. Em determinado ponto, o som da terra foi diferente, soou ôco. Isso o impressionou e fê-lo repetir as batidas que confirmaram suas suspeitas: ali o terreno guardava algo de expressivo e fora do comum, anormal. Com a ajuda de todos pôs-se a cavar e, radiante com o achado, exclamava eufórico: “É um tesouro, o Roquete Pinto vai exultar! Cuidado! É um tesouro!” E surgiram igaçabas, machados de sílex, objetos e esqueletos de índios, que encantados extraímos desse pequeno sambaqui. Naturalmente já havia à nossa volta, um aglomerado de curiosos, muita gente, o que sempre acontecia. Entre estes, rondavam, esgueirando-se, os indefectíveis coiteiros de Lampião. E, se já corria a fama de doutores do governo em andanças para eles misteriosas, as interjeições do Chefe confirmaram a suposição de que ele carregava um aparelho de “descobrir ouro”, sendo o carro-laboratório, com a grande inscrição: “Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste”, palavras que não sabiam decifrar, o nosso “Cofre Forte”!

Em pouco tempo espalhou-se a notícia fantástica, indo célere aos ouvidos do cangaceiro-mór. Feliz, esperançado com a ideia da fortuna fácil, o “Capitão” preparou-se com seu bando e pôs-se ao nosso encalço.

A princípio ignorantes, prosseguimos viagens em excussões pelos arredores do nosso ponto fixo. Depois, bastante temerosos pelo alerta sorrateiro que corria de boca em boca, ficamos todos armados e com ordens de precaução (menos “D. Bezinha”, minha mãe, e arvorada na de todos os companheiros, quem na sua certeza linda e ingênua pensava conseguir a conversão do bandoleiro que diziam inteligente, com certa cultura e muito justiceiro...).

Rodolpho Von Lhering teve então uma ideia genial, uma inspiração da sua boa-fé, baseada em que por bem tudo se consegue. Enviou uma carta ao “Capitão Virgulino Ferreira”. Houve então uma troca de recados entre o Chefe da C.T.P.N. e Lampião, quem por vezes, soubéramos, aplaudira os nossos feitos humanitários. Disso tudo resultou e foi enviado um convite amável ao bandoleiro, para que visitasse e conhecesse o laboratório e os estudos, bem como os supostos “banco ambulante” e o “aparelho de encontrar ouro”... O “faiscador”. Naturalmente com a condição de estarmos longe. Assim, por intermédio de um mascate – homem da confiança e leva-e-traz

do cangaço – tudo se arrumou. Pouco mais tarde, soubemos da inspeção feita pelo “Capitão” nos confins do Sertão, em Geritacó – PE, à beira do rio Moxotó. Destemido e curioso, ficara um dos médicos Dr. Luiz Canale, de São Paulo, como voluntário e anfitrião, para receber, explicar e mostrar as pesquisas, as experiências e os pertences de um punhado de brasileiros e estrangeiros dedicados à ciência em prol do bem estar e na ajuda aos nossos irmãos do Brasil.

Não fora a quem... E seria honroso dizer que Lampião, admirado e assombrado, deixou-nos sua mensagem de aplausos, ficando como cartão de visita “sui generis” do famigerado bandido, além de uma esgaratujada carta de amigo, aprovadora e mesmo enaltecedora, gorda bolada de notas – “Uma boa soma”, dizia ele, “Para os pobres do vosso caminho!...”.

Havia temporadas em que a C.T.P.N. se fixava num estágio maior, junto de açudes. Improvisavam-se laboratórios incríveis, na concepção dos cientistas dos grandes centros, acostumados ao conforto de aparelhagem moderna, instrumentos, vasilhames, tubos de ensaio, enfim, tudo o que compõe um ambiente perfeito para pesquisas. A paupérrima Piscicultura dispunha apenas de um microscópio, alguns vidros, cubas, plaquetas, baldes, muitas latas vazias de gasolina, como eram vendidas, tesouras, “quicés” (pequenas facas), facões e pouco mais. No resto dava-se um jeito. Mesas rústicas eram compradas na feira mais próxima, caixotes e banquinhos constituíam a mobília que possuíamos. Mas tudo isso, disposto nas margens pedregosas ante as límpidas águas, dava uma certa importância – visto de longe. Não era à toa que nos cognominavam: o “Grupo de Ciganos” ou “O Circo”.

Para aquele suposto laboratório, traziam os peixes vivos, que tinham ali sua guilhotina. Com um golpe de facão, os serventes decepavam lhes as cabeças e os discípulos do Dr. Von Ihering retiravam as hipófises para as experiências. Os óvulos eram contados... Tínhamos horror a essa tarefa fastidiosa! Pesavam e separavam uma parte das ovas e... Entre xingos, ia-se chegando aos... 206, 808, 1.304, por aí a fora. Pior que contar carneirinhos. Nem mesmo a hora do “rancho”, da boia, interrompia os ensaios de trabalhos dos estudiosos. Obstinação, entusiasmos, desesperados no afincado de alcançar a sua meta, ninguém os arredava do “habitat” em pesquisas e os desviava do seu objetivo. Foi essa força de vontade, esse abençoado propósito firme que os levou à descoberta tão sonhada: a reprodução induzida nos peixes pela hipofisização!

Quanto a parte financeira, os componentes da Comissão viviam em verdadeira incoerência. Se tínhamos dinheiro, não havia o que comprar nas paupérrimas cidadezinhas do tórrido sertão. Cruzando certa vez o estado do Rio Grande do Norte, o acampamento se fez à beira do açude de Caicó e o “cunzineiro” notificara a D. Isabel sobre a escassez dos alimentos, mas estávamos tão longe de qualquer vilarejo. A sorte nos ajudaria se conseguíssemos pelo caminho um jerimum ou um queijo do sertão, delicioso mas raro naquela pobreza, algumas lascas de carne de sol ou mesmo umas raízes de “macaxeira”. Os trabalhos se alongaram noite a dentro – (ô,

quantas vezes os cientistas, com as grandes botas de borracha, se metiam na lagoa a dentro, esquecidos das horas!) – e pela manhã os companheiros estavam famintos. Sonhavam com ovos e presunto, queijo fresco, frutas geladinhas e um belo café com leite, pão fresco e ainda quente...

O Chefe mandou que a filha, sua motorista particular (deixando os matutos pasmos ao verem-na dirigir, exclamando incrédulos: “Vige! É mulé!”), fosse ao povoado mais próximo comprar algo para o desjejum. Dera-se mesmo ao luxo de especificar: sanduiches, frutas... Levando dinheiro, ela voltou com apenas duas “latras” de sardinha, uma rosca bem amanhecida, três ovos e uma garrafa de cerveja choca. Isso tudo para mais de 20 pessoas. Ah! Bem merecíamos nós um milagrezinho da multiplicação!

Mas em geral os bolsos andavam vazios. Comumente acontecia o tesoureiro receber, por exemplo, em abril, “o adiantamento de verba de janeiro, fevereiro e março”. Pobre Chefe desesperava-se, sentindo-se responsável pelo bem estar dos seus ilustres colegas, dos discípulos e dos empregados, e os telegramas se sucediam para o Rio de Janeiro, quase súplices pelo pagamento. A Divina Providencia, porém, não o desamparava; fazendeiros solícitos, prestativos, gerentes de bancos, acreditavam na integridade daquela cientista que lutava por um ideal, e o gaúcho encontrava, nos seus irmãos do Norte a mão bendita estendida para o empréstimo. Povo formidável, altruísta e compreensivo, cruzava a nossa estrada de dificuldades.

Seguidamente as viagens eram de estirões infundáveis entre uma e outra cidade e escuridão surpreendia a caravana. Procedia-se então à votação para: continuar mais uns 50, 70km ... E vencia sempre a alternativa “Dormiremos aqui mesmo”. A decisão unanime parecia renovar os ânimos para mais uma aventura. Cada um tirava da bagagem a sua rede e a estendia no leito arenoso da “rodagem” não oficial, ou no solo pobre da “caatinga”, Seridó, “sertão”, onde quer que fosse sob a abóbada aveludada e infinita do céu.

A princípio, sentíamo-nos como num salão árabe luxuoso, acomodados no chão, em conversas animadas pelos mais diversos e interessantes assuntos, com aquela plêiade de homens cultos, inteligentes e libertos dos “as-salam-alaik” (salamaleques) da sociedade. Os menestréis do sertão encarregavam-se do fundo musical em plangentes toadas nordestinas. (D. Isabel, musicista, as anotava, levando-as depois para São Paulo, como referência à música folclórica da região). Em noites de plenilúnio, a nota do romantismo tocava cada um nos devaneios líricos e o encantamento deixava as almas enluradas. Se não havia lua, o êxtase tornava-se coletivo ante o céu inteiro, juncado de todas as estrelas do Senhor. As de 1ª grandeza, enormes, a coruscar fulgurantes, semeadas por entre as médias, as menores e a poeira das galáxias, como o mais belo espetáculo na maior tela do mundo.

Nada mais propício para a aula de astronomia, e Dr. Rodolpho iniciava-a com a colaboração de outros entendidos no assunto, empolgando o grupo ávido do saber. E descobria-se as constela-

ções com suas Alfa, Beta, Gama, Delta, etc., adorando o despencar de meteoros e desejando a passagem de um cometa tipo Haly, talvez... Divertida, a turma apontava com o dedo tal ou tal astro, que o companheiro não percebia e ficavam a precisar o local – “ali, perto daquelas duas juntas, não, mais pra cá, mais pra cima...” até que o futuro astrônomo sintonizasse a mira no agrupamento estelar certo. Na “biblioteca volante”, havia um Atlas Celeste para os interessados, e, se acostumando a essa matéria, ninguém tinha coragem de fechar os olhos ante tamanho esplendor. A noitada ia longe, com, diversas rodadas de café quentinho, que com o cigarro de palha de milho, ali mesmo pachorrentamente enrolado, contribuía para que os cansados homens de ciência se sentissem confortáveis, relaxando a tensão dos problemas e estudos mais sérios.

Variando o programa noturno, ligava-se o gerador (Home Light) em pleno campo e o serviço de todos constituía em apanhar, com redes especiais, os insetos encandeados pela forte luz. Usávamos, então, chapelões de palha com filó descendo até o busto, protegendo-nos daquele incômodo enxame a esvoaçar desatinado. Colocava-se o material colhido para os biólogos amigos, de São Paulo e do Rio, em caixas próprias que ficavam abarrotadas dessa contribuição entomológica. Quando isso se dava nos vilarejos, o enxame de gente empatava com o das mariposas, besouros e mil outros espécimes alados, atraídos e estonteados. Era uma festa inédita para os sertanejos, o prodígio da Luz Elétrica.

Havia também os serões de taxidermia das aves e animais abatidos pelo caminho. Enquanto as mãos trabalhavam na arte que requer delicadeza, as línguas não paravam e seria um divertimento estupendo, para algum observador arguto, o espetáculo de cientistas e senhoras manuseando habilmente os bisturis, na dissecação, ante espectadores atônitos que acompanhavam o serviço, perguntando, na sua ignorância e incompreensão, o porque daquele escarpelar os bichos mortos.

Não nos atínhamos fanaticamente ao trabalho no seu objetivo: a piscicultura. De fato, ninguém perdia um minuto do tempo preciosos, em relatórios, estudos, observações, pesquisas, cada um no seu “mettier”, cômico de seu dever. Admirávamos também as aquarelas do famoso pintor Norfini, a quem carinhosamente apelidamos de “General Brontoloni” (reclamador) pois, já de idade avançada, vivia a resmungar, protestando ou criticando, sem que o levássemos a sério, mas todos o respeitavam e amavam. Fazia desenhos científicos, que sempre redundavam em polêmicas com o Chefe, pois achava que ficariam mais artísticos com menos um par de pernas, ou floreava e coloria-os ao seu bel prazer. Fazia esboços de tudo quanto de diferente chamasse a atenção para o documentário do trabalho; além de peixes, delineava as diversas modalidades dos instrumentos de pesca, das cercas do Nordeste, feitas de pedras, de gravetos secos, e até de planta Avelós, “Dedo do Cão”, tipo de Euforbiácea, arbusto espessa, constituído de hastes roliças, contendo leite pegajoso que dizem ser venenoso. Selas típicas ados vaqueiros e para os jegues no transporte de carga. O artista estupendo, num instante transportava para a tela as paisagens variadas: doces, áridas, tristes ou pujantes, conforme a zona onde estivéssemos. Ante a admiração

de todos, um dia pediu-nos num misto de orgulho e medo da desvalorização – “Por favor, não contem a ninguém que em 15 minutos eu pinto um quadro!” – tal a rapidez na beleza e acuidade que imprimia aos seus painéis.

Alfredo Norfini, italiano de nascimento, arraigado há muitos anos no Brasil, especializou-se em aquarelas e tornou-se conhecido principalmente em São Paulo, como professor e por suas exposições, além de ilustrações em livros. Artista boêmio, o pleonasmo bem se ajustava aquela figura imponente. Alto, forte, decabelos e vasto bigode brancos, guardava no porte e na fisionomia os traços do belo homem que nos contava ter sido. Doido por ingressar na Comissão, prevendo andanças e aventuras, chegou a falsificar sua idade nos documentos – de 67 para 55 anos. Dr. Von Ihering se preocupava em leva-lo a um clima diferente e pelas peripécias ocasionais, mas previsíveis. Vida incerta em contínuas mudanças. E como reagia bem, tal qual um jovem a enfrentar bravuras! Atirava-se também às aventuras amorosas com qualquer “rabo-de-saia”... E vivíamos a desfazer os compromissos de casamento que selava com régios presentes. Muito bem posto sempre nos seus impecáveis ternos de brim ocre, com botas e chapelão, fazia mesmo um furor.

As oportunidades de distração também surgiam animando e alegrando aquele grupo unido e homogêneo. Sempre convidados, graças à conhecida hospitalidade do nordestino, por pessoas de destaque; quando nas Capitais, opíparos jantares constituíam homenagens à C.T.P.N. em Palácios de Governadores, gente importante dos Estados, ou nas zonas mais férteis como as da Mata, do brejo, das praias, por Políticos interessados na agricultura, usineiros abastados.

Menos ostensivos pela pobreza do solo e do clima, aceitávamos igualmente agradecidos e contentes os convites dos prósperos fazendeiros do sertão e tínhamos almoços tipo banquetes, com dezenas de pratos à moda típica: “galinha de cabidela”, “buchadas”, carne de carneiro, de porco, de inambu e de outras caças. Só um Pantagruel aguentaria os ataques da quantidade de iguarias exibidas em travessas que vinham fumegando e rescendendo o sabor delicioso.

Por vezes, lá nos cafundós, encontrávamos turmas das entidades “Rochfeller”, “Obras Contra as Secas”, perdidas naqueles ermos e ávidas por um boa prosa e nos proporcionavam refeições improvisadas com o que pudessem conseguir. Nosso prazer também era imenso nesses encontros com gente do Sul ou estrangeiros que, como nós, viviam afastados da civilização. Encontrávamos também com outros grupos em excursão pelo Nordeste, como arqueólogos, fotógrafos da famosa revista americana “Nastional Geographic Magazine”, gente do Serviço de Meteorologia, e era a vez da Piscicultura oferecer-lhes algo do que possuíamos como num convescote ultra descontraído.

Mas os sertanejos, donos de grandes terras com plantações de algodão, ou de “Carnaubais”, coqueirais, ou mesmo de criação de gado, simples e bonacheirões, nos convidavam, por exemplo, para uma “Umbuzada” típica iguaria preparada com o umbu cozido, passado na peneira e mistu-

rado ao leite e açúcar. Uma delícia a “queijada”: queijo mole e quente que é comido com colher e acompanhado de doces de abóbora (jerimum), de leite, de jaca, de saborosos figos de mandacaru, de coco verde em calda, em compoteiras a nos instigar a gula. Em quase todas essas circunstâncias, seguiam-se os “forrós” ou “arrasta-pés” nos terreiros, com sanfona e orquestra de “pau e corda”. Era a hora dos rapazes, médicos solteiros, uns 12 a 14, se espalharem por entre as “cabrochas”, lindas sertanejas, e no namoro fugaz, alimentarem sonhos difíceis ou impossíveis, flertando aqui e ali, o interessante é que a maioria deles casou-se com bonitas e finas moças do Ceará.

Numa das paradas para descanso, foi escolhido um recanto sombrio e fresco, casualmente perto de um dos últimos fios d’água a correr. Após o almoço tipo pic-nic, pai e filha enlaçados seguiram com mais três companheiros até o bendito riacho, a fim de lavarem suas “quicés” e “peixeiras”. Conversando, entretidos, apenas perceberam que algo se movimentara na outra margem, por entre a folhagem – e vimos aparecerem figuras de cabelos longos e desgrenhados, cobertos pelo típico chapéu de couro, batido na frente e cheios de metais brilhando. Portavam rifles e traziam seus cantis nas mãos. Cena tragicômica se deu. Os dois grupos ao se defrontarem, surpresos, apenas se fitaram por segundos e ambos fugiram espavoridos, cada qual para seu lado. Nós, certos de serem cangaceiros e eles, pensando estarmos escoltados. Foi o nosso encontro cara a cara com “Corisco”, “Lua Branca”, “Volta Seca” e mais dois bandoleiros. Aliás, três motoristas da expedição – Severino, Abílio e Odilon – haviam pertencido ao bando de Lampião. Calmos, respeitosos e eficientes, logo se entrosaram com os membros da C.T.P.N. Só muito tempo mais tarde, numa estalagem eles foram reconhecidos pelo dono da espelunca, conhecido “coiteiro” do cangaço.

Após alguns anos de permanência nos Estados do Nordeste, em terrenos de topografia variada e de acidentes geográficos, e já abalizados quanto às faunas dos seus rios e açudes, o Chefe resolveu ampliar os conhecimentos e estudos em águas da Amazônia, além de sondar as possibilidades de trazer de lá peixes carnudos e saborosos como o pirarucu, tucunaré, surubim, para cruzamento ou adaptação nas represas nordestinas.